





MANDRÁGORA


informação - Novembro de 2012

PELA
LEONOR
VERDURA

um novo projecto de
Mandrágora



com: Bruno Vilão e Íris Santos Encenação de M. Almeida e Sousa



com: Ricardo Mestre Vídeo: Bruno Corte Real Apoio: S. I. G. Cossoul

Pela Leonor Verdura

um percurso através da poesia experimental portuguesa

Sociedade I. Guilherme Cossoul
Av. D. Carlos I, n.º 61 Santos - Lisboa
dias 29 e 30 de Novembro, 1, 7 e 8 de Dezembro
31 de Janeiro, 1 e 2 de Fevereiro pelas 21:30 Horas

“PELA LEONOR VERDURA” é o nosso (te)acto

com “**pela leonor verdura**”, pretende-se uma viagem ao interior de um movimento que neste país ganhou alguma forma nos anos 60. um movimento / projecto que deu corpo àquilo que é a poesia experimental / visual portuguesa.

em “**pela leonor verdura**”... (verso de ana hatherly in “anagramático”) procuramos uma linguagem, na sua raiz, teatral / performativa. e, nele se semeiam letras, na esperança da germinação da palavra

percorrem-se poemas de:

EMERENCIANO - ANA HATHERLY - MÁRIO
 CESARINY DE VASCONCELOS - LIBERTO
 CRUZ - JAIME SALAZAR SAMPAIO -
 ALBERTO PIMENTA - E. MELO E CASTRO -
 ANTÓNIO ARAGÃO - ABÍLIO JOSÉ SANTOS -
 SALETTE TAVARES - JOSÉ OLIVEIRA -
 ALEXANDRE O'NEIL - FERNANDO AGUIAR -
 CESAR FIGUEIREDO - M. ALMEIDA E SOUSA
 - ANTÓNIO DANTAS - ARMANDO
 MACATRÃO - JOSÉ ALBERTO MARQUES -
 SILVESTRE PESTANA

(autores - pela ordem dos poemas em cena)

uma acção de mandrágora em processo

**com íris santos e bruno vilão
 a protagonizar esta viagem
 criativa.**

*estação terminal: sociedade guilherme
 cossoul (santos - lisboa) – estreia 29 de
 novembro de 2012)*

Descalça vai para a fonte
 Leonor pela verdura
 Vai formosa e não segura

CAMÕES

**descalça vai para a fonte. leonor pela
 verdura. para a fonte vai segura.
 leonor e não formosa. vai descalça. vai
 verdura. e não vai para a fonte. vai
 leonor. e vai descalça. pela fonte. para
 a descalça verdura. a fonte vai.
 descalça. pela leonor verdura. pela
 segura. pela formosa. para a descalça.
 pela e não vai. para a leonor. vai e não
 para. pela formosa. não para a. fonte
 e leonor. vai não verdura. pela
 descalça. para a segura. e não para
 vai. não para a fonte. leonor para.
 segura vai. para a não descalça.**

Ana Hatherly – “Anagramático” – 1970, ed.
 Moraes

cada acto
 cada acção

é um
 portal aberto
 a espaços
 de reflexão,
 construção
 e
 experimentação



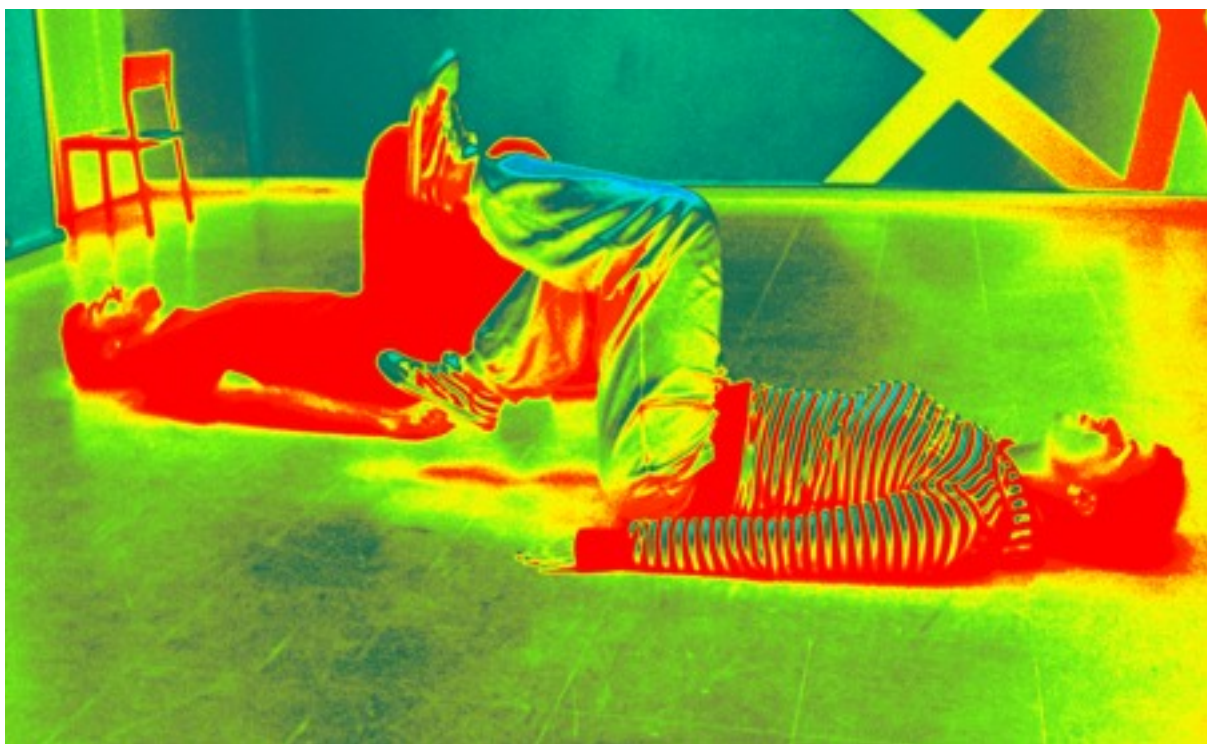


Foto de ensaio

os poemas

emprestaram-nos as imagens

e

em processo demos

a forma

.....

são os dois corpos na acção

que desenham

este projecto de

Mandrágora

*a acção poética em processo e em progresso contempla
relatos e, num primeiro olhar, transmite uma sensação semelhante à que
produz uma mesa posta com conhecimento e gosto
..... enfim, que só pode proceder de uma natural relação entre a
pessoa que a pôs*

e

o acto.



um texto de Fernando Aguiar

“... embora já existisse alguma actividade prenunciadora de uma escrita de vanguarda como, por exemplo, os livros *POEMAS PROPOSTOS* de Jaime Salazar Sampaio (1954) e *ABANDONO VIGIADO* de Alexandre O'Neill (1960), assim como o artigo de Ana Hatherly sobre poesia concreta publicado no jornal *Diário de Notícias* em 1959, com a proposta de um poema concreto, o aparecimento da poesia experimental em Portugal foi de certo modo precedido com a edição de uma pequena antologia de *Poesia Concreta* do Grupo Noigandres, publicada em 1962 pela Embaixada do Brasil em Lisboa, no mesmo ano em que E. M. de Melo e Castro publica *IDEOGRAMAS*, o primeiro livro português de poesia experimental.

O facto de em Portugal não ter existido um grupo estruturado de poetas concretos terá sido a principal razão da não existência de um manifesto, procedimento usual em movimentos deste tipo. No entanto, essa circunstância não impediu que poetas como Ana Hatherly, António Aragão, E. M. de Melo e Castro ou Salette Tavares se reunissem para produzir revistas, exposições e

happenings. O seu trabalho criativo contribuiu inclusivamente para a divulgação da poesia concreta noutros países europeus, como foi o caso da carta que E. M. de Melo e Castro enviou ao suplemento literário do *Times* em 1962 que, segundo o testemunho de Don Sylvester Houéddard no catálogo da exposição “*QUADLOG*” (1968), e de John Sharkey na antologia *MINDPLAY* (1971) influenciou poetas ingleses e escoceses a desenvolverem trabalhos de poesia concreta.

No princípio da década de 60 a poesia experimental era bastante contestada e criticada por um intelectualismo em decadência e pouco aberto a experiências e a inovações. Foi neste contexto que em Julho de 1964 apareceu o primeiro número da revista *Poesia Experimental*, organizada por António Aragão e Herberto Helder, e que contava com a colaboração de António Barahona da Fonseca, António Ramos Rosa, E. M. de Melo e Castro e Salette Tavares.

No ano seguinte estes mesmos autores (excepto António Ramos Rosa) apresentaram a exposição “*VISOPOEMAS*”, no âmbito da qual teve lugar o *Concerto e Audição Pictórica*, o primeiro happening realizado em Portugal. Esta acção de

actores/performers:

Bruno Vilão e Íris Santos

imagem (vídeo):

Bruno Corte Real

som:

Ricardo Mestre

Encenação:

M. Almeida e Sousa

Criação - espaço e desenho de cena:

M. Almeida e Sousa e Bruno Vilão

Produção:

Mandrágora - Centro de Cultura e Pesquisa de Arte

Uma homenagem aos poetas que semearam - nos anos 60 - a poesia experimental/ concreta portuguesa na passagem dos 33 anos de vida associativa de Mandrágora (fundada em Cascais em 20 de Novembro de 1979)

carácter “neodadaísta” foi executada por António Aragão, Clotilde Rosa, E. M. de Melo e Castro, Manuel Baptista e Salette Tavares, com a colaboração dos músicos Jorge Peixinho e Mário Falcão...”



A poesia experimental e o teatro

em 1977 o grupo de teatro **Anima** coordenado pelo actor e encenador brasileiro **Seme Lutfi**, apresenta-se em público com espectáculos de animação de textos visuais, da poesia Experimental Portuguesa, integrados no plano de colaboração cultural entre a Associação Portuguesa de Escritores e a S.P.A. (*Sociedade Portuguesa de Autores*) – apresentado a 28.7.1977 na sala de teatro da S.P.A..

textos visuais de:

Alberto Pimenta, António Aragão, Ana Hatherly, E. M. De Melo e Castro, Liberto Cruz, Salette Tavares e Silvestre Pestana

concepção:

Seme Lutfi e Silvestre Pestana

direcção:

Seme Lutfi e Rui Frati

figurinos:

Jean Lafront

música:

Jaime Simões Queimado

elenco:

Alberta Melo e Castro, Carlos Vieira de Almeida, Eugénia Melo e Castro, Fernando Vaz do Nascimento, Filipe Crawford, Graça David, João Soromenho, Luísa Aparício, Manuel Almeida e Sousa, Rui Frati e Seme Lutfi.

No mesmo ano, o teatro **Anima** participará nos **II Encontros Internacionais de Arte, Caldas da Rainha**

O “ânima 9.9” de Mandrágora

foi estreado na queda do século XX... mandrágora apresentou a poesia experimental portuguesa – a das décadas de 60/70

percorremos os textos dos poetas:

Ana Hatherly, Alberto Pimenta, Abílio José, António Aragão, Liberto Cruz, Jaime Salazar Sampaio, José Luis Luna, Fernando Aguiar, Almeida e Sousa, E. M. Mello e Castro, Salette Tavares, José Alberto Marques...

a banda sonora: Carlos Bechegas.

a encenação: M. Almeida e Sousa

os actores: Beliza Sousa e Bruno Vilão

anima de Mandrágora 



os actantes



Íris Santos nasceu em 1989 em Sesimbra e, na Escola Secundária Passos Manuel - Lisboa, completou o Curso Profissional de Teatro. Estreia-se nestas “coisas” dramáticas e poéticas em Mandrágora

Bruno Vilão nasceu em 1978 e iniciou-se nessas coisas estranhas e ocultas do surrealismo e do experimentalismo poético na Mandrágora, pela mão de Almeida e Sousa. Desde 1995 que tem participado na pesquisa de arte com Mandrágora através de mais de uma dezena de espectáculos e diversos actos performativos. Desde que leu António Maria Lisboa mantém o desejo irreflectido de possuir alguém num trampolim.



concepção cénica



Manuel Almeida e Sousa nasceu em 1947 em Cascais (segundo a documentação de que é portador). Estudou teatro e frequentou vários cafés de Lisboa. É visto - por vezes - no Reyno dos Algarves a beber cálices de Medronho ou a devorar “Raia Alhada”. Assinou este projecto como encenador.